

**DA “DISCIPLINA” À “ARTE” DO FOOTBALL MULATO: A
ANTROPOFAGIA DA TECNOCRACIA DE LEÔNIDAS
CONTRA ADHEMAR PIMENTA**

**From the “discipline” to the “art” of mulatto football: the
anthropophagy of Leônidas’ technocracy against
Adhemar Pimenta**

**De la “disciplina” al “arte” del fútbol mulato: la antropofagia
de la tecnocracia de Leônidas contra Adhemar Pimenta**

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro¹

Ronaldo George Helal²

Resumo:

A Copa do Mundo é um cenário propício para a disputa de narrativas sobre as nações. Acreditamos que a atração exercida pela Copa do Mundo está baseada justamente na crença de que onze jogadores representariam toda uma nação, metaforizando crenças e imaginários sociais sobre os países. No Brasil, desde 1938 a competição se estabeleceu como um ritual nacional. Neste artigo, analisamos como três jornais brasileiros construíram a narrativa sobre o técnico da seleção em 1938: Adhemar Pimenta. Através da Análise Crítica de Narrativas, analisamos, dentre as 256 reportagens sobre a seleção, as 71 que se referiam ao treinador. Adhemar, inicialmente exaltado por ser o representante tecnocrata e disciplinador, “teria perdido” para os jogadores, metaforizados por Leônidas, indicando relações sociais, disputas e identidades que a competição suscita.

Palavras-chave: Copa de 1938. Técnico. Jogadores.

Abstract:

The World Cup is a favorable setting for the contest of narratives about nations. We believe that the attraction exerted by the World Cup is precisely based on the belief that eleven players would represent an entire nation, metaphorizing social beliefs and imaginaries about countries. In Brazil, since 1938, the competition has been established as a national ritual. In this article, we analyze how three Brazilian newspapers constructed the narrative about the national team coach in 1938: Adhemar Pimenta. Through Critical Narrative Analysis, we examined, among the 256 reports on the team, the 71 that referred to the coach. Adhemar, initially praised as the technocratic and disciplinarian representative, "would have lost" to the players, metaphorized by Leonidas, indicating the social relationships, disputes, and identities that the competition evokes.

Keywords: 1938 World Cup. Coach. Players.

Resumen:

La Copa del Mundo es un escenario propicio para la disputa de narrativas sobre las naciones. Creemos que la atracción que ejerce la Copa del Mundo se basa precisamente en la creencia de que once jugadores representarían a toda una nación, metaforizando creencias e imaginarios sociales sobre los países. En Brasil, desde 1938, la competencia se ha establecido como un ritual nacional. En este artículo, analizamos cómo tres periódicos brasileños construyeron la narrativa sobre el técnico de la selección en 1938: Adhemar Pimenta. A través del Análisis Crítico de Narrativas, examinamos, entre las 256 reportajes sobre la selección, los 71 que se referían al entrenador. Adhemar, inicialmente exaltado por ser el representante tecnócrata y disciplinador, "habría perdido" frente a los jugadores, metaforizados por Leónidas, indicando las relaciones sociales, disputas e identidades que la competencia suscita.

Palabras clave: Copa del Mundo de 1938. Entrenador. Jugadores.

Introdução

A elaboração da concepção de Brasil moderno tem na década de 1930 seu grande ápice (PANDOLFI, 1999). Unificar um país de dimensões continentais e com uma diversidade cultural e social marcante, exigia um elemento de aglutinação simples, direto e presente em todo o território nacional. Algo que pudesse sintetizar, mesmo de forma arbitrária, o que seria o "brasileiro". Nesta composição, destacamos duas proposições que vão se encontrar e se apoiarem mutuamente: a miscigenação como algo positivo e o futebol como palco para que as narrativas de nação se proliferem de maneira extensiva, com o auxílio dos meios de comunicação.

Consideramos que toda a formatação de uma "identidade nacional" que resumiria e explicaria o país, em curso desde os anos 1920, deságua, cristaliza e solidifica seu imaginário na Copa do Mundo de 1938. O contexto nacional, constituído por uma correlação que integrava o governo Vargas, encontrou na competição um ritual de congregação da nação (GUEDES, 1998) tecendo uma teia simbólica que consolida o papel do futebol como um campo de disputas entre narrativas, o local de embates sobre o imaginário nacional e sobre modelos de conduta, tendo na

sua intensa penetração nacional a formação de um quadro de interação social comum aos brasileiros. Nascia a ideia de “país do futebol”, uma narrativa que postulava a seleção como aglutinadora de diferentes etnias que representava uma nação miscigenada, uma marca “indelével” de nossa cultura. Na Copa de 1938 irrompe a relação simbiótica entre seleção e nação, proporcionando uma atmosfera que impulsionou as pessoas a participarem e se empenharem neste *frame*. Conseqüentemente, é neste contexto que se estrutura todo o quadro social que designará uma importância aos atores envolvidos na representação da seleção brasileira, entre eles o técnico.

Este artigo analisa como a figura do treinador Adhemar Pimenta foi abordada pela narrativa de três jornais brasileiros: *Folha da Manhã*, *O Globo* e *Diário de Pernambuco*³ durante a Copa do Mundo de 1938. Defendemos que a mudança na concepção do esporte como algo profissional, mantendo o amadorismo dos dirigentes (HELAL, 1997; CALDAS, 1990; LEVER, 1983; DRUMOND, 2014; GOMES, 2019), refletiu em uma alteração decisiva para a narrativa dos treinadores. No cenário de profissionalização dos atletas, nosso objeto atuaria na intermediação entre capital (clube) e trabalho (jogadores) (WAGG, 1984). O técnico teria o contato direto com os trabalhadores, tiraria os dirigentes da linha de frente dos conflitos, e ainda seria o responsável para “organizar o time para a vitória” (CARTER, 2006), inaugurando a interpretação tecnocrata desta personagem no Brasil.

Por tecnocracia, seguiremos a interpretação de Postman (1994) ao considerar que em uma tecnocracia as ferramentas inseridas em uma prática social desempenhariam não mais um suporte às ações humanas, como uma colher, enxada ou lança, mas teriam um papel central na formação da própria ideologia. A tecnocracia no futebol seria o desdém à ludicidade e suas imprevisibilidades (HUIZINGA, 2014), e uma padronização do jogo através de esquemas, números e estatísticas⁴. A “eficiência” no esporte viria pela tecnocracia e o manejo desses números e estratégias. A técnica alteraria as formas de vinculação social, mudando aspectos do jogo, exaltando a tática, por exemplo. O técnico seria um tecnocrata focado nas ferramentas que vão operacionalizar e mecanizar o jogo de futebol. Deter essas ferramentas para controlar o grupo de jogadores e organizá-los em esquemas seria a “técnica” desejada para o “técnico” no cenário da Copa de 1938.

Com intensas disputas desde 1933, o profissionalismo foi reconhecido no Brasil em 1937 (SOUZA, 2008), cessando as disputas entre federações e possibilitando a elaboração de uma narrativa de uma equipe “realmente nacional”, com a presença de todos os atletas considerados “os melhores”. A narrativa dos jornais sobre o treinador Adhemar Pimenta pavimentou dois caminhos que até as Copas atuais parecem escolhas inconciliáveis: individualidade (jogador) ou

organização (técnico). Este conflito pode ser compreendido com a proposição do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre no artigo *Football Mulato*, presente no *corpus*, que redirecionou a singularidade do brasileiro, desviando do modelo pretendido pela elite que teria o treinador organizador e disciplinador como referência, para postular o imprevisto e arte do jogador nacional, simbolizado por Leônidas da Silva, como nosso “maior diferencial”.

A Copa como um ritual nacional

Podemos dizer que a força que a narrativa da Copa do Mundo tem no país possui relação com a ideia de Brasil Moderno que nasce nos anos 1930. O mito “país do futebol” terá na Copa de 1938 seu embrião e será a cada competição revivido, reatualizado e adaptado através dos ritos presentes em nossa sociedade que fazem parte deste evento. Georges Bataille (1973) enfatiza que o mito não se dissolve do estar-junto e, através das suas práticas rituais, produz suas imposições simbólicas. Desta maneira, os mitos precisam de ritos para que se reatualizem e para que se pratique o mito. Assim, a Copa seria um ritual nacional principalmente por sedimentar, alimentar e explorar o “ser brasileiro”, sendo o fio condutor de uma narrativa mítica sobre a nação como Simoni Guedes (1977, 1998, 2009) e Edison Gastaldo (2002) defendem.

Este ritual de interação seria uma situação social organizada e temporária que pode criar padrões e regras de atuação para os participantes a partir desta interação momentânea, o que Goffman (2012) vai denominar como *frame*. Os *frames* apresentam modos de como participar da interação e são continuamente atualizados, renegociados e redefinidos dentro dos rituais cotidianos. Ou seja, o papel do treinador no ritual Copa do Mundo dialoga com o contexto, como veremos a seguir. No processo ritualístico recheado de simbolismo, como a Copa do Mundo, determinados grupos sociais demarcam suas narrativas e valores, através de padrões que serão exigidos das personagens participantes deste ritual: jogadores, torcedores, imprensa e técnico.

O ritual Copa do Mundo teve, em 1938, um fator essencial para a formatação do “país do futebol”. O “cotidiano” nacional foi interrompido para que a mediação do rádio⁵ atuasse na construção deste ritual:

De acordo com o ato do Interventor federal e em combinação com o prefeito do Recife, tornando facultativo o ponto das repartições estaduais e municipais, a fim de que todos possam ouvir a irradiação do jogo “Brasil x Tchecoslováquia”, a associação comercial pede ao comércio para encerrar o seu expediente, hoje às 12 horas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 14/06/1938, p.7).

O aparato tecnológico usado na cobertura propiciou entrevistas realizadas ao vivo via rádio (em função da parceria do jornal *O Globo* com a Rádio Club, que transmitiu a competição). Nessas entrevistas, reproduzidas integralmente no jornal do dia seguinte, os jogadores conversavam com seus familiares, recebendo apoio, salientando o aspecto emocional e do cumprimento de um dever cívico de representar o país: “Estimulando a vitória. Os maiores craques do nosso scratch. Globo leva as esposas de Domingos, Leônidas e Batataes a falar pelo telefone internacional com seus maridos” (O GLOBO, 09/06/1938, p. 3). O jornal *O Globo* ampliava a atmosfera de sentidos da competição, solidificando no imaginário nacional a ideia do futebol, da seleção e dos jogadores como representantes da nação. Essa parceria influenciou no maior número de notícias sobre a seleção entre os periódicos pesquisados nesta Copa: 115. E na maior quantidade de menções ao treinador: 44. A narrativa do jornal optou pelo patriotismo exacerbado, englobando a atmosfera do “país do futebol”. Manchetes efusivas procuravam demarcar os acontecimentos da competição como únicos na história do nosso esporte: “A mais heroica jornada do football brasileiro” (O GLOBO, 13/06/1938, p.3). A presença de cartas e telegramas da família Vargas (tanto Getúlio e sua esposa Darcy, quanto de sua filha Alzira, designada pelo próprio pai como madrinha da seleção) foi constante no jornal. Inferimos aqui, uma ideia de notabilizar a associação pátria e seleção por intermédio da “empolgação”, enfatizada pelo jornal, com que a família Vargas acompanhava o desempenho do time. Após a vitória no primeiro jogo por 6 x 5 contra a Polônia, a capa do jornal *O Globo* destaca: “A Sra. Darcy Vargas saúda os vencedores. A esposa do presidente da república enviou à Delegação Brasileira de Football o seguinte telegrama: “Entusiasmada magnífica atuação, envio cumprimentos” (O GLOBO, 06/06/1938, p.1). Na mesma edição, o jornal destaca que: “O Football nasceu domingo para muita gente” (O GLOBO, 06/06/1938, p.3). A ideia de integrar o país era nítida. Disputas no campo esportivo ficam quase inexistentes nas reportagens do jornal, que procura projetar um mundo no qual, enfim, a pacificação e unificação do esporte aconteciam. Como porta-voz desta elite nacional que comandava a CBD, a narrativa de *O Globo* reforça o imaginário que pretende ser exaltado por este grupo.

Destacamos que o conceito de imaginário aqui trabalhado segue a concepção de Durand (1997). O imaginário seria a matéria prima para completar ideias e fazer associações. Precisa-se do imaginário para concluir uma representação e uma narrativa. Mais do que isso, ele traça o rumo desta narrativa. Esse imaginário coletivo pode ser entendido como símbolos que fazem parte de uma narrativa global do país, que fundem esperanças, utopias e mitos e que propiciam aos indivíduos que fazem parte daquela cultura se comunicarem e se reconhecerem (BACZKO, 1985). Neste sentido, Cornelius Castoriadis (1997) traz a ideia de que tudo que é apresentado a

nós no mundo social e histórico está construído no simbólico, ou seja, neste imaginário. O imaginário é o local que contém os ingredientes que o narrador traz para a narrativa (MOTTA, 2013). Como Da Silva aborda: “o ser humano é movido pelos imaginários que engendra. O homem só existe no imaginário” (DA SILVA, 2012, p.7). Esse imaginário é plural e compreendemos que os jornais pesquisados vão selecionar algumas porções deste imaginário para elaborar suas narrativas, produzindo determinados sentidos sobre a realidade, criando “mundos”.

Interpretamos que no contexto vivido no país, legitimar o acontecimento Copa do Mundo e ter o Jornalismo como “o” ente que iria construir esses acontecimentos e “a verdade dos fatos”, serviu para que grupos sociais reproduzissem determinadas ideologias nas narrativas dos jornais. Neste engendramento social arquitetado sobre os jornais, “publicar notícias introduziu uma regularidade na apresentação e reapresentação de eventos e das personagens envolvidas em situações típicas” (FRANCISCATO, 2005, p.77). Cria-se um papel social aos jornais de que em cada *frame* eles irão projetar as representações das personagens envolvidas, no nosso caso a dos treinadores.

Assim, ao notarmos uma quantidade de notícias sobre a seleção muito maior sobre esta competição (256) do que nas duas edições anteriores somadas (147) e conseqüentemente sobre o treinador (71 em 1938 e 29 nas Copas de 1930 e 1934) (MOSTARO, 2019), concluímos que esse volume de notícias auxilia na construção da competição como um ritual nacional importante, trazendo os ingredientes presentes no imaginário social já constituído sobre o futebol.

Neste sentido, é interessante ressaltar que nos três jornais pesquisados tivemos diferentes intensidades no auxílio do “país do futebol”, mostrando como cada narrativa escolhe diferentes caminhos para construir o “seu mundo”. A *Folha da Manhã*, por exemplo, trouxe notícias mais concisas, mais tímidas, menos emotivas que não contribuem para a construção da Copa do Mundo como um grande ritual nacional. Percebermos o contexto da produção e os movimentos da elite paulista contra Vargas é fundamental, no sentido de não haver uma legitimação da concepção Varguista, indicando a *Folha*, como um veículo porta-voz da elite paulista.

As reportagens focavam no lado econômico do país: notícias sobre preço de café e açúcar tinham mais destaque que a Copa. O mundo criado pela narrativa da *Folha* foi diferente do criado pelos outros dois jornais analisados. A Copa teve menos importância se comparado aos dois outros jornais: 48 notícias sobre a seleção contra 115 do *O Globo* e 93 do *Diário de Pernambuco*. Nessas matérias sobre a seleção (todas via agência de notícias) pouco se enfatizou a associação seleção/nação. Porém, mesmo com esta narrativa divergente, foi possível capturar algumas notícias que indicavam o caráter patriótico da competição, já que em outra oportunidade, a elite

paulista poderia ter sob seu controle a CBD e “usar” a competição a seu favor, como realmente aconteceu. Ou seja, não se esvazia por completo o lado nacionalista da competição, mas não se menciona Vargas como *O Globo* fez. Na *Folha da Manhã* eram apresentados telegramas de apoio à seleção, ressaltando o caráter patriótico da disputa, mas de personagens integradas à atmosfera paulista: “redatores e auxiliares “Folhas Manhã e Noite” enviam calorosos cumprimentos brilhante atuação seleção nacional cujos esforços representam centrado patriotismo dos jogadores” (FOLHA DA MANHÃ, 14/06/1938, p.2).

Após a vitória que levou o time à semifinal, o jornal traz fotos de aglomerações nas praças da capital paulista e o entusiasmo pela seleção: “A vida da cidade esteve suspensa durante o transcorrer do jogo de ontem. Anunciada a vitória dos brasileiros, a multidão percorreu em delírio as ruas da cidade ovacionando os defensores do futebol brasileiro” (FOLHA DA MANHÃ, 15/06/1938, p.1). Foi a única vez que uma notícia sobre a seleção mereceu a capa no jornal paulista. Por mais que a *Folha* não tivesse a intenção de contribuir com o discurso nação/seleção proposto por Vargas, se torna “inevitável” ser “contagiado” pelo contexto.

A Antropofagia da tecnocracia

Começamos a análise no dia cinco de junho, data da estreia do Brasil e fomos até o dia doze de julho, data do desembarque da delegação no Brasil, em um total de 39 dias investigados. Primeiramente, selecionamos todas as reportagens que falavam sobre a seleção brasileira, totalizando 256. Em seguida, as que mencionavam Adhemar Pimenta: 71, 11 na *Folha da Manhã*, 44 *O Globo* e 16 no *Diário de Pernambuco*.

A distribuição das notícias foi mais personalista do que nas outras duas competições (MOSTARO, 2019), focando em três pessoas: Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Adhemar Pimenta. Foi a primeira vez desde 1930 que o treinador dividiu o espaço nas notícias com os atletas considerados “os melhores”. Era Adhemar quem falava à imprensa diariamente, e conseqüentemente ao enviado especial do jornal *O Globo* na França, o que explica o número de reportagens sobre o treinador no jornal.

A narrativa sobre Pimenta reforçava o caráter disciplinador do técnico e sua função na formulação de estratégias para a vitória, como este trecho ilustra: “preparador, organizador e orientador da equipe: Pimenta” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 06/05/1938, p.5). A ideia de disciplinar os atletas era uma preocupação de Vargas: “O presidente Getúlio Vargas acompanhou no rádio, do Palácio Guanabara, todas as fases do jogo Brasil-Polônia, mostrando entusiasmo pela vitória do selecionado e pela maneira como os craques nacionais souberam acatar as decisões

do juiz” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 06/05/1938, p.1). Não seria leviano associarmos a narrativa de um grande líder na seleção com a narrativa de um grandioso comandante decantada pelo Estado Novo. Aliás, foi a primeira vez desde 1930 (MOSTARO, 2019) que o termo “comandante” foi usado para se referir ao treinador da seleção. O técnico Adhemar Pimenta “convocaria” os atletas. Os sentidos de convocação, semelhantes ao do campo militar, indicam uma relação vicinal entre tal campo e o campo esportivo neste contexto (SOUZA, 2008).

Nesta ótica, Carter (2006) é pontual para refletirmos essa associação. O modelo “sargento do exército” para o treinador também foi visto na Inglaterra, implantando uma estrutura de administração similar ao das forças armadas. Neste sentido, a experiência no controle de um grande grupo de homens foi levada para o campo esportivo. Ideais de coragem e lealdade ao clube passam a ser mais exigidas, como o “amor à pátria” e o “amor à camisa”. O Exército Brasileiro estava em uma fase de consolidação de forças ao derrotar a Intentona Comunista anos antes (CASTRO, 2002). Atendendo aos interesses da elite na época, a “maneira militar” era posta como a correta para ensinar e disciplinar.

Pimenta era o porta-voz dos jogadores nas entrevistas indicando, assim, este papel de chefe e comandante da “família”, diferente do professor e diplomata que foi observado nas Copas anteriores (MOSTARO, 2019). Efetivamente, ele se torna a ponte entre os dirigentes e os atletas, sendo o disciplinador que o Estado Novo tanto queria. Aqui, é importante ressaltarmos que essa interpretação segue a singularidade apresentada pela narrativa dos jornais. Sabemos que Pimenta poderia ser muito mais do que isso, porém tal pluralidade não é captada pelo mundo que o jornal projetou sobre o treinador, plasmando sua imagem pública como algo mais próximo do que a elite queria do que outras facetas do treinador que ficariam às sombras dos holofotes midiáticos. Na metodologia usada neste trabalho, entende-se que a narrativa cria mundos, estabelece parâmetros, faz escolhas do que será ou não contado, formando os sentidos pretendidos pelo narrador (MOTTA, 2010; RICOUER, 2010). Raramente a narrativa jornalística apresenta-se como um “olhar” sobre o mundo. Pelo contrário, ela se apresenta como “o” mundo “real”.

Outro fator importante e que seria um sinal do rumo que a narrativa sobre o treinador seguiria após esta competição foi que pela primeira vez em Copas, encontramos a descrição da estratégia usada pelo time: “Pimenta desvenda a tática dos brasileiros” (O GLOBO, 16/06/1938, p.4). Sugerimos que a união entre campo militar e esportivo, já destacada anteriormente, sugere tais associações, como um comandante que dispunha seus jogadores em campo com determinadas estratégias de ataque e de defesa. A *Folha da Manhã* reforça o treinamento como algo benéfico: “submetidos a rigorosos treinos os jogadores brasileiros que enfrentarão os

checos, no próximo domingo” (FOLHA DA MANHÃ, 09/06/1938, p. 8). Noticiar treinamentos se instaura como uma ocorrência comum nos jornais, auxiliando, através desta repetição, a solidificação do imaginário em torno do treinamento como algo positivo, indicando essa visão tecnocrata no esporte. A narrativa exalta as qualidades de Pimenta para “organizar” e “planejar” o time como essenciais, encaixando os jogadores naquilo que o treinador “pensou” para eles, como nesta manchete do jornal *O Globo*, no dia da estreia da seleção: “Hercules e Lopes terão um papel de grande importância no plano de Pimenta” (O GLOBO, 05/06/1938, p.4). Esta narrativa indica o que se esperaria do treinador naquele contexto: “organizar o time para a vitória”. Uma intenção narrativa na criação do mundo proposto pelo jornal que se coaduna com a ideia do técnico ser um representante da tecnocracia.

Segundo o jornal, o time fez uma preparação intensa para a competição, organizando todos os passos desde a “convocação”, dividindo os atletas em dois times: o azul, considerado titular e o branco, apontado como reserva. Essa mudança na narrativa ao incorporar a “tática” seguia uma tendência mundial de enfatizar o lado da preparação para as competições (WAGG, 1984). As técnicas para melhorar o condicionamento físico, novas táticas e estratégias para tentar controlar a interação dos atletas dentro de campo eram difundidas na Europa como uma “modernidade” determinante para o sucesso no esporte. Tal concepção se aproxima da nossa hipótese do treinador como um representante da tecnocracia (POSTMAN, 1994), na qual as ferramentas criadas pelo homem desempenham um papel central na cultura, como o único modo para se conquistar a “eficiência”. Neste sentido o papel do treinador ganha uma importância maior do que no período anterior. Ele se torna, além da ponte entre capital e trabalho, o responsável por ordenar, regular e conduzir os atletas.

As opções de Pimenta “deram certo” durante a competição. Com o empate no primeiro jogo da segunda fase contra a Tchecoslováquia em 1 a 1 no dia 12 de junho, uma nova partida foi disputada no dia 14. O treinador escalou para o jogo de desempate o time branco, mantendo apenas Leônidas do time azul. O Brasil venceu por 2 a 1 e a narrativa caminhava para um discurso de que a disciplina e a estratégia da comissão técnica seria o grande triunfo da nossa seleção: “Pimenta, o grande técnico cuja colaboração para a vitória tem sido valiosíssima” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 15/06/1938, p.5). Porém, aqui surge o grande ponto de desvio sobre a narrativa do treinador da seleção, que vai distanciá-lo do caminho adotado na Europa de exaltação de seu trabalho e enfatizar de maneira mais robusta o talento do jogador nacional.

Como vimos, a exaltação da nação através do ritual Copa do Mundo já estava em curso. O futebol se consolidava como palco para disputa de narrativas. Para compreendermos “tal virada”, precisamos indicar os modelos de país em jogo. A ideia de miscigenação era um dos

pontos nefrálgicos deste conflito. O mito das três raças: branco, índio e negro, que segundo Freyre teriam originado o Brasil, tem nas proposições do autor uma originalidade no sentido de demarcar todo brasileiro como miscigenado e de enfatizar esta miscigenação como algo positivo, em contraponto a outros pensadores que, antes dele, a designavam como a causa maior de “nosso atraso social”, como Nina Rodrigues, Oliveira Viana, Silvio Romero e Euclides da Cunha⁶.

Se faltava algo para cristalizar essa proposição de Freyre, o embate presente no ritual Copa do Mundo seria decisivo. Toda essa ambiência (GUMBRECHT, 2014) nacionalista e a profusão de narrativas em torno do futebol que sintetizariam a nação foram captadas por Gilberto Freyre em sua coluna *Football Mulato*, publicada no dia 17 de junho de 1938 no jornal *Diário de Pernambuco*.

Ao acompanharmos as informações presentes neste periódico, desde o dia da estreia da seleção na competição, podemos interpretar o processo narrativo de construção de um mundo pelo jornal que influenciaria e desembocaria no texto de Freyre. O clima no *Diário de Pernambuco* era mais nacionalista, ao compararmos com os outros dois jornais: “Atingiu o delírio o entusiasmo na capital do país” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 15/06/1938, p.1). Mesmo com o número de reportagens menor do que o encontrado no *O Globo*, elas eram mais densas, projetando uma integração nacional através do futebol, com exaltação da mestiçagem como chave para o *ethos* nacional. O jornal destacava constantemente figuras políticas torcendo para a equipe de futebol, associando ao clima que a competição de 1938 despertou no país:

‘Todos os cafés e “restaurants” que tinham rádio viram-se invadidos pela multidão. Em frente do DIARIO de PERNAMBUCO, foi instalado poderoso alto-falante. Cerca de 10 mil pessoas assistiram dali à irradiação do jogo. (...) Ao ser anunciado o resultado final, os aplausos assumiram proporções frenéticas. Alguns jovens do comércio organizaram uma passeata, conduzindo o pavilhão nacional debaixo de entusiásticas aclamações (DIARIO DE PERNAMBUCO, 15/06/1938, p. 11).

O Brasil acabara de vencer a Tchecoslováquia após o jogo de desempate e estava entre os quatro melhores times do mundo. Era a melhor posição alcançada pela seleção brasileira até então. Foi o momento da competição e da atmosfera nacional que fez “até” a *Folha* dar a primeira capa para a seleção no *corpus*, como já citamos. O “desejo” e a “comprovação” de que “nosso futebol” era o “melhor do mundo” se deslocava rapidamente de uma “ilusão” do imaginário nacional para desembocar em uma narrativa que buscava projetar um mundo onde as aspirações de um “projeto de nação” se cristalizavam e estavam “prestes a se concretizar”.

Essa batalha de narrativas reflete os conflitos entre os campos e, por mais que o discurso do Estado Novo buscasse, via Adhemar Pimenta, o conceito de disciplina e, como Souza (2008) relata, em Domingos da Guia o exemplo de atleta disciplinado, a narrativa que pairava no imaginário nacional era a de Leônidas da Silva. Logo após a primeira vitória da seleção na competição, o atacante brasileiro era assim abordado: “Leônidas, o melhor center-forward do mundo” (O GLOBO, 07/06/1938, p. 2), “Toda a imprensa francesa tece colunas inteiras sobre o “diamante negro” (O GLOBO, 07/06/1938, p. 2), “Leônidas assombrou” (O GLOBO, 06/06/1938, p. 1). Todos traziam a opinião dos estrangeiros sobre o atleta. Suas qualidades mais exaltadas não eram a disciplina tática e sim o talento e as chamadas “acrobacias”, seu improviso diante das jogadas. Consideramos que todos esses atributos não têm associação imediata ao papel do treinador, nem mesmo a uma disciplina ferrenha. Surge o antagonismo: improviso (jogador) x organização (técnico), explicitada neste trecho da coluna “Football Mulato” de Freyre:

O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros desse ano com os poloneses e os tchecoslováquios é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma. Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização de geometrização, de estandarização; a totalitarismo que fazem desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No foot-ball como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. (Football-Mulato. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17/06/1938, p.4).

Os gols de Leônidas e suas jogadas são o que Freyre escolhe para projetar o seu mundo. Essa porção afro-brasileira dessa bacia semântica não só nos representaria, mas seria a causa de nosso sucesso⁷. Freyre e toda a atmosfera que pairava sobre a competição colaboram na demarcação da interpretação do futebol como algo nacional, afinal seria algo que nos orgulhava e merecia elogio dos europeus: “Cresce a simpatia dos franceses pelos brasileiros” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 13/06/1938, p.5). Ainda que singular e imprecisa, a proposição de Freyre subverte a ordem e disciplina proposta pelo Estado Novo, metaforizada na figura do treinador. Nosso sucesso seria o improviso, a dança, a capoeiragem de negros e mulatos como Leônidas. A disciplina e treinamento, algo hipoteticamente europeu, não seria nossa característica, logo, algo descartado por ir contra as nossas raízes.

Na semifinal a seleção perde para a Itália por 2 a 1. Leônidas, que havia se machucado no jogo de desempate contra a Tchecoslováquia não atua. Reforça-se a ideia de que se o “nosso maior talento” estivesse em campo venceríamos. Na decisão de terceiro lugar contra a Suécia, Leônidas retorna ao time, faz dois gols e termina a competição como artilheiro. Em 1938, a

narrativa sobre Leônidas sai vencedora. É uma narrativa que não vai destacar a disciplina e sim o improviso supostamente oriundo da mestiçagem que a elite definitivamente não simpatizava, e, como Souza (2008) relata, ainda hoje não simpatiza.

O técnico, que manteria a ordem, esbarra no improviso e na “insubordinação” de Leônidas. Sua posição de confronto e não aceitação das regras será diferente de Domingos da Guia, como Souza (2008) descreve. A classe trabalhadora não é o que a elite deseja que ela seja, por mais que a narrativa elabore tal visão. Existe interação, resistência e luta. A “escolha” de Leônidas como ídolo nacional nos indica este conflito. Souza (2008) analisa sua construção como herói popular, tendo as características da excepcionalidade, predestinação, transgressão em relação ao mundo do trabalho e da disciplina e a identificação com o mundo do lazer como base. A ideia do improviso, das jogadas inesperadas, do fascínio que Gumbrecht (2007) ressalta, foge do tecnicismo, do padrão, da tática, da tecnocracia. No mundo criado por Freyre, Leônidas burla o que foi ensaiado e o que é esperado e faz com que os jornais tenham que se readaptar para mapear as suas ações.

Leônidas será o símbolo da mitologia do futebol nacional, do negro predestinado, “comum” e que dentro de campo provoca o fascínio do mundo, representando a miscigenação, a redenção do povo brasileiro e da nação, alguém popular, mais até que o presidente Vargas, e que subvertia a ordem imposta pela elite através dos técnicos. Despreza-se os jogadores Domingos e Romeu (jogador branco e segundo os jornais exemplo de técnica apurada) nesta construção, afinal Leônidas seria o maior exemplo do *football mulato*, dos floreios com a bola, do improviso, da indisciplina dentro de campo que não geometriza o jogo, que foge de sua tecnicidade que o treinador procura impor.

O ponto unificador seria a miscigenação e o sucesso no futebol com o talento oriundo desta miscigenação a seu bastião mais valioso. Estabelece-se através do ritual Copa do Mundo uma marca que nos diferenciaria dos outros povos. Aqui é válido associarmos esta narrativa ao conceito “invenção de tradição” de Hobsbawn (2012). Daí a força da coluna de Freyre ao demarcar o “nascimento” de nosso estilo de jogo baseado no improviso, que ganharia ao longo das Copas do Mundo e com as crônicas esportivas, o conceito de futebol-arte⁸. Não jogar esse “estilo” seria fugir da “nossa essência”, do familiar e tradicional, já esperado pelo brasileiro e cobrado como *performance* neste quadro social chamado “Copa do Mundo”.

Este “natural” coloca o técnico como algo que atrapalharia o talento nacional. Ele seria alguém que engessaria nossa “arte”, diferente da linha narrativa europeia que exaltaria a preparação e disciplina. Não foi por acaso que as únicas notícias negativas sobre o treinador no *corpus* foram encontradas no *Diário de Pernambuco*, e criticaram o excesso de disciplina do

treinador, reproduzindo capas de jornais franceses: “Responsável número um pela derrota do Brasil” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 09/07/1938, p.8). Segundo o mundo dos jornais franceses, ao acreditar demais na estratégia de time “azul” e time “branco”, Adhemar teria perdido a competição. Mesmo sem criticar Pimenta, *O Globo* também destacou: “Rebelara-se contra os métodos de treinamento de Pimenta” (O GLOBO, 8/06/1938, p.2). A reportagem mostra que os próprios jogadores, em especial o zagueiro Nariz, discutiram asperamente com o treinador, mas que “com a intervenção do enviado especial do Globo, Nariz voltou a fazer as pazes com o técnico da seleção nacional” (O GLOBO, 8/06/1938, p.2). O treinamento não era absorvido com passividade pelos jogadores, reforçando a ideia de “improvisado” como algo “natural do brasileiro” e o ponto de conflito entre capital e trabalho. Este embrião narrativo semeado pela atmosfera de uma consolidação de uma cultura nacional foi identificado de modo mais robusto exatamente no jornal pernambucano.

Assim, o mito “país do futebol” teria no ritual Copa do Mundo o palco para os conflitos entre os imaginários sobre a nação, que buscariam uma narrativa singular sobre o país, que finalmente nos definisse. Os números coletados na pesquisa corroboram a construção social da seleção brasileira como “a” representante da nação⁹. A chegada dos jogadores ao país, incluindo as paradas nos portos de Recife e Salvador, foi retratada de forma efusiva pelos jornais: “Regressando à pátria, os jogadores brasileiros receberam excepcionais homenagens do povo pernambucano” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 10/07/1938, p.9). “A Bahia recebeu com grande festa os cracks nacionais” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 10/07/1938, p.8). “Constituiu um fato inédito na vida da população carioca o entusiasmo à chegada dos craques nacionais” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 12/07/1938, p. 8). “Entusiasmamente recebidos no Rio os jogadores brasileiros” (FOLHA DA MANHÃ, 12/07/1938, p.4).

Consideramos que a narrativa cumpriu o propósito de construir e distribuir funções para cada personagem de maneira individualizada. Adhemar Pimenta foi apresentado com todos os atributos desejáveis pela elite nacional naquele contexto: disciplinador, comandante e técnico/treinador que usava as ferramentas disponíveis na época para chegar à vitória (treinamentos).

Porém, o mundo projetado para o treinador ficou em segundo plano, sendo devorado pelo imaginário nacional em torno de Leônidas e da nossa brasilidade proposta por Freyre. Assim, a ideia de Antropofagia do movimento Modernista que inaugura este “pensar o Brasil” nos anos 1920, tem também no futebol exemplos para confirmar tais proposições. O modo europeu tecnocrata que salienta a modernidade e eficiência através do treinador, seria deglutido

pelo brasileiro e transformado em algo supostamente único, em uma arte tipicamente nacional. O modo europeu não seria o único caminho e, como Freyre destaca, essa arte seria:

Uma arte que não se abandona nunca à disciplina do método científico, mas procura reunir ao suficiente de combinação de esforços e efeitos em massa a liberdade para a variação, para o floreio, para o improviso. Até mesmo a liberdade para a ostentação ou para a exibição de talento individual num jogo de que europeus têm procurado eliminar quase todo o floreio artístico, quase toda a variação individual, quase toda a espontaneidade pessoal para acentuar a beleza dos efeitos geométricos e a pureza de técnica científica. Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro como o arianismo europeu. (Gilberto Freyre, *Football Mulato*, DIARIO DE PERNAMBUCO, 17/06/1938, p.4).

Seria uma teoria de que o povo brasileiro com sua miscigenação reinterpretaria o jeito de jogar, rejeitando a geometrização (função do treinador). No ritual sobre a Copa abre-se o conflito entre este suposto jeito nacional (improvisado e jogador) contra o modelo que tentariam impor a nós, o europeu (treinamento e técnico). Seria uma maneira antropofágica de adaptar o futebol as singularidades que Freyre defendia como tipicamente nacionais. Inaugura-se tal crença e se estabelece uma trincheira contra as formas europeias que serão, nas próximas Copas, justificativas para vitórias e derrotas. Adhemar Pimenta seria a disciplina tecnocrática engolida pela arte e improvisado do negro Leônidas, evidenciando o esporte como palco para as disputas de imaginários presentes na sociedade.

Considerações Finais

Acreditamos que as narrativas se caracterizam por uma ou mais unidades mínimas de ação, que por sua vez produzem unidades mínimas de significado. Esse mecanismo metodológico ajuda não só a compreender individualmente as reportagens sobre a Copa do Mundo de 1938, mas também o encadeamento entre elas em um fluxo narrativo que atravessou toda a competição. As metanarrativas sobre a Copa do Mundo vão produzir sentidos às práticas sociais inseridas neste *frame*. Enumerar os atos humanos é colocar as ações em uma linha do tempo, tornando humanas as relações que configuram os acontecimentos conduzidos pelas personagens em uma sucessão de ações, tornando a narrativa compreensível e crível. (MOTTA, 2013)

Serão com estes referenciais que o ritual Copa do Mundo vai se estabelecer e, logicamente, ser adaptado a cada edição. Diferentes pessoas vão ocupar os papéis de Adhemar e Leônidas neste conflito, dando prosseguimento a todo o processo narrativo sobre o “país do

futebol”. Com suas funções previamente definidas no imaginário nacional, o que se esperaria de Adhemar pela imprensa interferiu diretamente na sua narrativa. Assim, os atores que vão performar nas futuras edições já teriam uma consciência do encaixe de que seguiriam e do que se esperaria deles ao serem inseridos no *frame* como “treinadores da seleção”. A interação social que legitima e atualiza o *frame* a cada Copa do Mundo vai, através de repetições, ajustes e negociações, modular o imaginário sobre as personagens para definir situações sociais e seus comportamentos.

Neste processo, Motta (2013) destaca que as narrativas realçam determinados acontecimentos, lhes conferindo um caráter histórico, místico, o que vai contribuir, por exemplo, com o ritual das Copas do Mundo. Neste cenário histórico e místico, indicamos as escolhas dos jornais que fortificaram o dom do brasileiro e a miscigenação como o grande diferencial exaltado pelas narrativas, deslocando a tecnocracia, planejamento e organização para a sombra do imaginário nacional e estabelecendo uma crença que se inicia nesta competição: o “futebol-arte”. Nos rituais, essas tensões entre improviso e treinamento vão reaparecer a cada competição.

Ao inserir de maneira eficaz no imaginário nacional os sentidos pretendidos sobre a competição, a sequência narrativa que relata as participações da seleção ao longo das Copas se apresenta com um desejo de manter intacta a representação de “sermos o país do futebol”, presente no imaginário, e uma visível adaptação de outros fatores a contextos históricos concretos. As micro-histórias e micro-ações se unem em uma narrativa macro, construindo uma “grande narrativa”, mesmo com rupturas, mas que preserve o sentido produzido sobre a competição afim de não perder seu significado simbólico no imaginário nacional.

Referências:

- BACZKO, B. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BATAILLE, G. **Théorie de la religion**. Paris: Minuit, 1973.
- BEHELLI. **Tensões no Paradigma Racial**: Silvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna. São Paulo: Paco Editorial, 2023.
- CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CARTER, N. **The football manager**: A history. Routledge, 2006.
- CASTORIADIS, C. **The imaginary institution of society**. Mit Press, 1997.
- CASTRO, C. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- DA SILVA, J. **As tecnologias do imaginário**. Editora Sulina, 2012.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, Recife, 05 jun – 12 jul, 1938.

- DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e Esporte: a política e o Esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1997.
- FRANCISCATO, C. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Universidade Federal de Sergipe, 2005.
- FOLHA DA MANHÃ*, São Paulo, 05 jun – 12 jul, 1938.
- GASTALDO, É. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. Annablume, 2002.
- GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GOMES, Eduardo. **A invenção do profissionalismo no futebol: tensões e efeitos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954)**. Curitiba: Appris, 2019.
- GUEDES, S. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GUEDES, S. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Editora Da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- GUEDES, S. **O Futebol Brasileiro: instituição zero**. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1977. (Dissertação de Mestrado).
- GUMBRECHT, H. **Atmosfera, ambiência, Stimmung**. Contraponto, 2014.
- GUMBRECHT, H. **Elogio da Beleza Atlético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HELAL, R. **Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- HELAL, R. **As Novas Fronteiras do "País do Futebol"**. Rio Pesquisa (FAPERJ), v. 11, p. 37-40, 2010.
- HELAL, R. **O que é Sociologia do esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.
- LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MOSTARO, F. **Imprensa e o futebol-arte: as narrativas da “nossa essência futebolística”**. Curitiba: Prismas, 2017.
- MOSTARO, F. Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do futebol. 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- MOSTARO, F e HELAL, R. *Foot-ball Mulato* e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938. **ALCEU (ONLINE)**, v. 19, p. 16-35, 2018.
- MOSTARO, F; KISCHINHEVSKY, M. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira. **Revista LIS - Letra, Imagen, Sonido**, Buenos Aires, v. 15, p. 147-165, 2016.
- MOTTA, L. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- O GLOBO*, Rio de Janeiro, 05 jun – 12 jul, 1938.

- PANDOLFI, D. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- POSTMAN, N. **Tecnopólio: a rendição da Cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.
- RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SOUZA, D. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Anablume, 2008.
- WAGG, S. **The football world: a contemporary social history**. Harvester Press, 1984.

Notas:

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Coordenador do Audiolab. E-mail: filipemostaro@hotmail.com / <https://orcid.org/0000-0001-6600-5953>

² Doutor em Sociologia pela New York University. Professor da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ; Pesquisador do CNPq e da Faperj. E-mail: rhelalfla13@gmail.com / <https://orcid.org/0009-0006-0267-8028>

³ O critério de escolha foi a importância de cada veículo no contexto da competição.

⁴ Para uma discussão sobre secularização, padronização e racionalização no esporte moderno, ver: HELAL (1990).

⁵ Para uma melhor compreensão sobre o impacto das transmissões esportivas dos jogos da seleção brasileira de futebol no imaginário nacional sobre este esporte, ver: MOSTARO E KISCHINHEVSKY (2016).

⁶ Sobre um estudo desses autores, ver: BECHELLI (2023).

⁷ Para uma análise mais profunda do artigo e a atmosfera da Copa de 1938, ver: MOSTARO E HELAL (2018).

⁸ Para melhor entendimento desta expressão e de sua construção ao longo das Copas do Mundo, ver: MOSTARO (2017).

⁹ Simoni Guedes (2009) também reforça que esse simbolismo da seleção começa em 1938. Entretanto, é meritório citar as recentes discussões sobre a diminuição da força da expressão “pátria de chuteiras”, ocasionada por uma fragmentação das identidades no mundo pós-moderno. Essa argumentação torna mais robusta nossa ideia de que o contexto vai interferir nas narrativas. Para uma maior compreensão, ver: HELAL E GORDON (2009), HELAL (2010).